

OS IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA DAS MÃES DE FILHOS COM PARALISIA CEREBRAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Maria Erenilda dos Santos Gomes¹
Patrick da Silveira Gonçalves²

Resumo: Este estudo abordou o impacto da paralisia cerebral em mães cuidadoras e sua qualidade de vida. A pesquisa buscou compreender os efeitos psicossociais na saúde dessas mães e o potencial benefício da atividade física. Foram revisados 12 artigos publicados entre 2016 e 2020 no Google Scholar e Ebsco. O nascimento de um filho com paralisia cerebral pode sobrecarregar as mães cuidadoras, levando a desgaste físico e mental, como estresse, ansiedade, isolamento e depressão. Destaca-se a necessidade de mais pesquisas e ações de saúde para aliviar o sofrimento físico e emocional dessas mães.

Palavras-chave: maternidade; paralisia cerebral; qualidade de vida.

IMPACT ON THE QUALITY OF LIFE OF MOTHERS OF CHILDREN WITH CEREBRAL PALSY: INTEGRATIVE REVIEW

Abstract: This study addresses the impact of cerebral palsy on caregiving mothers and their quality of life. The research aimed to understand the psychosocial effects on their health and the potential benefits of physical activity. Twelve articles published between 2016 and 2020 were reviewed on Google Scholar and Ebsco. The birth of a child with cerebral palsy can overwhelm caregiving mothers, leading to physical and mental strain, such as stress, anxiety, isolation, and depression. The importance of further research and healthcare initiatives to alleviate the physical and emotional suffering of these mothers is emphasized.

Keywords: motherhood; cerebral palsy; quality of life.



¹ Graduada em Educação Física pela Universidade La Salle - Unilasalle.
E-mail: <maria.gomes0022@unilasalle.edu.br>

² Docente do curso de Educação Física da Universidade La Salle. Doutor em Ciências do Movimento Humano

INTRODUÇÃO

A experiência de uma mulher com a maternidade geralmente vem cheia de expectativas. A gestação permite que algumas mulheres idealizem o presente e o futuro de seus filhos e de suas vidas. (SILVA, 2017). Na maioria das vezes, tais perspectivas se mostram de forma que a imaginação do desenvolvimento de seu filho ocorra de forma típica, isto é, tendo o seu crescimento e a aquisição de suas habilidades dentro de um padrão populacional. Nesse universo imaginativo acerca da nova vida que se projeta em seu ventre, a possibilidade de conceber uma criança com deficiência dificilmente é imaginada ou mencionada no meio familiar. (SOARES et al., 2018). Portanto, a descoberta do nascimento de um filho com deficiência pode causar um grande impacto para a família, que pode ir desde a frustração até as profundas modificações em seu ambiente, quando essas deficiências demandam posturas específicas, como no caso da Paralisia Cerebral (PC).

Em uma sociedade que se mostra ainda sustentada por uma perspectiva patriarcal, é possível pensar que, na grande maioria das vezes, o papel desenvolvido sobre os cuidados com os filhos recai sobre a mulher/mãe (FREITAG; MILBRATH; MOTTA, 2018). Com a necessidade de apoio que uma criança ou adolescente com deficiência exige, é bastante comum que a mãe deste sujeito abdique dos papéis que desempenhava em seu contexto social e laboral para dedicar-se integralmente ao seu filho. No caso da maternidade de uma criança com PC não é diferente. O nascimento de uma criança com Paralisia Cerebral (PC)

requer muitos cuidados, trazendo uma sobrecarga emocional e modificando toda uma estrutura familiar especialmente para a mãe que geralmente é a principal responsável pelos cuidados deste indivíduo, abdicando da sua vida social e econômica para atender as necessidades da criança. (FREITAS et al., 2016, p. 02)

Assim, no processo de relação parental com a criança com PC, “a mãe é a pessoa mais envolvida no processo de cuidar”. (LAZZAROTTO; SCHMIDT, 2013, p. 63). Cumpre salientar que, com a maternidade, a mãe cria uma ligação afetiva com seu próprio filho, tornando-se, além das cuidadoras principais, aquelas que se veem na responsabilidade, acima de qualquer outro sujeito, de promover a integralidade de seus filhos. (PEREIRA et al., 2014). Estudos demonstram que essas mães/cuidadoras também não se sentem à vontade para deixar seus filhos com outros membros da família. (FREITAG; MILBRATH; MOTTA, 2018).

Cabe dizer, portanto, que esta não se exime de outras tarefas que socialmente foram impostas à mulher ao longo dos tempos. Deve-se salientar que

a mulher/mãe é tradicional e culturalmente a principal prestadora de cuidados no âmbito doméstico, e tem cada vez mais responsabilidades, pois além de estar inserida no mercado de trabalho formal e informal, sente-se “pressionada” a tomar conta da casa e dos filhos, e, principalmente, quando estes são pessoas com deficiência. (WELTER, 2008, p. 100)

Há inúmeras tarefas que são consideradas historicamente atribuições femininas e que sobrecarregam as mães no seu âmbito familiar. Lavar louça, cozinhar, fazer compras, cuidar da limpeza da casa entre outras tantas atividades domésticas, são algumas destas convenções que emergem e se sustentam na atualidade de uma sociedade que mantém ainda uma cultura machista. Essas tarefas se intensificam quando do nascimento de um filho com deficiência, em especial aquelas que podem acometer o desenvolvimento intelectual e motor dos indivíduos, como a PC.

A PC é definida como uma lesão que atinge o cérebro interferindo no desenvolvimento motor do indivíduo e sua principal característica é notada na postura e tônus muscular. Conforme Santos (2014), William John Little descreveu pela primeira vez na década de 1960 uma doença que atinge o sistema nervoso central de crianças nos primeiros anos de vida, causando espasticidade, considerada uma das formas clínicas mais comuns de Paralisia Cerebral.

McBride e Victorio (2018) descrevem as causas da PC como danos cerebrais que podem ser provocados por falta de oxigenação, infecções e malformações cerebrais. Os sintomas variam desde uma falta de coordenação motora leve a uma dificuldade em movimentar um ou mais membros. Algumas crianças também podem apresentar deficiência intelectual, dificuldades para ver, ouvir, transtornos convulsivos e problemas comportamentais.

Diante dessa situação a criança que apresenta um diagnóstico de paralisia cerebral, ela irá requerer desse processo, que já é complexo, uma nova adaptação frente às necessidades especiais, isso passará por vários reajustes, desde emocional até adaptação física da mãe. Todo esse contexto acaba com uma sobrecarga e uma exigência dela mesma transformada em culpa, as quais vivenciam diferentes aspectos estressantes causando o seu isolamento social, ansiedade gerando um desgaste físico, psicológico e emocional.

Assim, o presente estudo buscou analisar entre os artigos científicos, o que vem sendo discutido, a respeito do impacto na qualidade de vida das mães que exercem o papel de cuidadora de filhos com paralisia cerebral.

Portanto, o problema a ser desenvolvido neste estudo está na resposta e compreensão do impacto gerado na qualidade de vida das mães de filhos com paralisia cerebral por meio de uma revisão integrativa. Além disso, tem como objetivo geral compreender o impacto da paralisia cerebral desses filhos na qualidade de vida dessas mães e como objetivos específicos serão: compreender os efeitos psicossociais na saúde bem como verificar em que a atividade física pode beneficiar na qualidade de vida dessas mães.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo foi organizado em três tópicos, que são, respectivamente: a paralisia cerebral; a mãe cuidadora e as dificuldades no seu cotidiano e atividade física e qualidade de vida.

No primeiro tópico descrevemos a paralisia cerebral, que tem como uma das principais causas a falta de oxigenação no cérebro, tratando-se de um quadro patológico que não existe cura, necessitando apenas de auxílio e cuidados básicos.

Discutiremos no segundo tópico as dificuldades encontradas no cotidiano das mães/cuidadoras de crianças com paralisia cerebral que se torna muito afetada com a maternidade.

Por fim, no terceiro tópico abordamos a atividade física e como ela pode beneficiar na qualidade de vida dessas mães que cuidam dos seus filhos com paralisia cerebral.

2.1 A Paralisia Cerebral

Em 1843 o cirurgião ortopedista inglês chamado Little descreveu pela primeira vez uma desordem médica que atinge o sistema nervoso de crianças nos primeiros anos de vida. A paralisia cerebral é um conjunto de sintomas resultantes de malformações cerebrais que engloba dificuldades de movimentação e rigidez muscular (MCBRIDE; VICTORIO, 2018). Os indivíduos que apresentam essa espasticidade possuem uma grande dificuldade “em segurar objetos, engatinhar e andar” (SANTOS, 2014, p. 69). Essa condição física foi denominada Síndrome de Little em referência ao cirurgião William John Little e que posteriormente passou a ser tratada entre os profissionais da saúde como Encefalopatia Crônica não

Evolutiva da Infância (SANTOS, 2014).

Com relação aos fatores característicos da paralisia cerebral incluem-se pré-natais (infecções congênitas, falta de oxigênio etc.); perinatais (anoxia neonatal, eclâmpsia etc.) e pós-natais (infecções, traumas, etc.) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014 apud PIOVESANA, 2007).

Fatores existentes citados por Santos (2014, p. 69) como a “falta de oxigênio durante o parto é uma das principais causas pelos danos cerebrais ocasionando também problemas motores. Infecções como rubéola, toxoplasmose, infecção pelo vírus zika, durante a gestação também podem causar paralisia cerebral”. Conforme Veiga Junior (2011, apud Klemi, 2014) a paralisia cerebral não é considerada uma doença e será acompanhada apenas durante um período, trata-se, portanto de um quadro patológico para o qual não existe cura, somente avanços através de acompanhamentos diversificados.

O indivíduo com Paralisia Cerebral vivencia algumas limitações sensoriais e cognitivas, tendo como causas: infecções, traumatismos e fatores do parto.

[...] a PC não é uma doença, mas uma condição psicomotora especial de início precoce decorrente de lesão do sistema nervoso central, ainda em fase de maturação. Inicia-se com pequenas dificuldades na postura e movimento evoluindo, geralmente, para a espasticidade muscular, surgindo dificuldades no desenvolvimento de atividades simples, podendo ocorrer problemas como convulsões, dificuldades no aprendizado e fala (SILVA et al., 2010, p. 205).

Monteiro, (2011 apud SANTOS, 2014) cita que na visão de Freud:

Em 1897, Sigmund Freud analisou os trabalhos de Little questionando que não poderia ser somente no parto, mas também teriam consequências ou causas pré-natais. As crianças com paralisia cerebral habitualmente tinha também deficiência intelectual, distúrbio visual e convulsões.

Em decorrência desses fatos “necessitam constantemente de auxílio, de cuidados básicos e intervenções relacionadas à saúde e educação” (PELLOSI et al. 2016, p. 39). Conforme McBride e Victorio (2018) existem quatro tipos de paralisia cerebral: 1) Espástica, a forma mais comum de PC. A criança apresenta rigidez muscular nas pernas, braços e tronco, tornando o movimento difícil. 2) O Atetóide causa movimentos involuntários e incontroláveis do corpo todo. A criança tem dificuldade para sentar, ficar em pé e andar. 3) Atáxica, é a forma mais rara de PC que afeta o equilíbrio e a percepção profunda. 4) Mista que possui tanto os sintomas da PC espástica como o atetóide. Nessas crianças com tipos mistos podem apresentar deficiência intelectual. O diagnóstico da paralisia cerebral geralmente não pode ser distinguido antes dos 2 anos de idade e suspeita-se que as crianças demoram para aprender a andar ou a desenvolver outras habilidades motoras tardiamente.

2.2 A mãe cuidadora e as dificuldades no seu cotidiano

Uma vida afetada por estresse, devido a dificuldades familiares ou financeiras, pode prejudicar a saúde do indivíduo reduzindo seu bem-estar físico e psicológico. Diante disso

a descoberta de ser mãe de um filho com deficiência, inicia uma vivência marcada por anos de confusão, medo, culpa, incertezas, auto piedade, desprezo por si, horas nos consultórios médicos, a falta de informação clara, os crescentes problemas familiares, batalhas escolares, preocupações financeiras, tensões acumuladas, brigas e as frustrações normais de uma família ao ver seu filho afastando-se cada vez mais do mundo “normal”. (GUERRA et al., 2015, p. 462)

Straub (2014 apud KLEMI 2016, p. 15) cita diferentes prejuízos e consequências causados pelo

estresse, como efeitos prejudiciais para o corpo: o estresse suprime o sistema imune deixando o indivíduo vulnerável a infecções e doenças oportunistas [...]. As mães cuidadoras de crianças com PC sofrem esse impacto em sua qualidade de vida devido a dificuldades diárias em cuidar de uma criança com paralisia cerebral. Conforme menciona Klemi (2016, p. 44) as mães “se sentem aprisionadas pela rotina, julgando não ter tempo para lazer e descanso”.

Normalmente são as mães que assumem a responsabilidade pelos cuidados de um filho com necessidade especial, elas vivenciam um momento delicado que envolve todo o seu estado emocional e a estrutura familiar (MARQUES et al. 2016). Passam a viver quase exclusivamente para o filho especial. A mãe é a que mais faz adaptações em seu dia-a-dia, disponibilizando tempo, atenção e dedicação, acabando por esquecer-se de si própria (SILVA et al. 2019). Passam a viver com e para seus filhos, uma vez que estes necessitam de grande suporte para realizar tarefas básicas, como alimentar-se, tomar banho e até mesmo se vestir, desde o nascimento até, em muitos casos, a vida adulta (FREITAG; MILBRATH; MOTTA, 2018).

Sendo assim, ser mãe cuidadora absorve muito da sua energia. Em muitos casos as cuidadoras não se preocupam com sua vida social e seu estado emocional, pois o foco é somente em relação ao filho dependente (KLEMI, 2016). Conforme Nascimento e Faro (2015, p. 203)

o cuidado com a criança portadora de paralisia cerebral pode ser muito desgastante e frustrante, principalmente para o principal cuidador que geralmente é a mãe. A rotina torna-se sobrecarregada de afazeres com o cuidado especial, além daqueles realizados no seu cotidiano. Para uma rotina de responsabilidades se faz necessário preparo físico para conciliar trabalho e atividades domésticas que pode levar ao adoecimento.

Freitag, Milbrath e Motta (2018) mencionam, em seu estudo, relatos de mães que, além do sofrimento psicológico, a sobrecarga física se constitui como agravante, uma vez que a criança se desenvolve fisicamente tornando-se as atividades com a mesma, mais difícil comprometendo a saúde dessas mães.

As queixas relacionadas ao esforço físico e falta de tempo para cuidar de si estão registradas em quase todos os estudos analisados. Andrade et al. (2017) comentam que as mães reclamam da sobrecarga física, como força para transferir a criança de um local para o outro e condições patológicas com a lombalgia (dores nas costas). Da mesma forma Farias et al (2018) cita que segundo a mãe seu filho dorme pouco assim alterando seu próprio sono deixando sua saúde física e emocional comprometida. Freitag, Milbrath e Motta (2018), ao analisarem o cotidiano das mães cuidadoras, encontraram relatos que se referem a hora do banho ser o único tempo que tem para si, pois o restante do tempo é dedicado ao filho com necessidades especiais.

O cotidiano das mães com relação ao cuidado dos filhos com PC também é prejudicado pela falta de colaboração familiar que é falha, independentemente do seu estado conjugal os pais são ausentes das responsabilidades do cuidado com filho (GUERRA et al., 2015).

Portanto, as mães podem ficar expostas a consequências alterando todo seu cotidiano e impactando negativamente na qualidade de vida das mães provocando estresse, ansiedade, isolamento, cansaço, desgaste físico, emocional e psicológico decorrente das dificuldades que constantemente é submetida (ANDRADE et al., 2017).

2.3 Atividade Física e Qualidade de vida

Estudos vêm demonstrando a importância da atividade física na saúde das pessoas. Acredita-se na atividade física como uma forma de restaurar a saúde dos efeitos nocivos da rotina estressante do dia a dia (SILVA et al. 2010). Atualmente a atividade física pode ser entendida como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos que resulta em gasto energético maior que os níveis de repouso (ASSUMPÇÃO; MORAIS; FONTOURA, 2002 apud CASPERSEN; POWELL; CHRISTENSEN, 1985). Conforme Oliveira et al. (2011) Esportes, lutas, danças, yoga, exercícios físicos, atividades laborais e deslocamentos são exemplos de atividades físicas realizadas como parte da vida diária.

Sendo assim promover mudanças no seu estilo de vida, levando-os a incorporar a prática de atividades físicas ao cotidiano contribuindo assim na melhoria do bem-estar do indivíduo (OLIVEIRA et al. 2011).

Dentro desta ótica

[...] a prática de atividade física é uma terapia adjuvante altamente benéfica. As pesquisas demonstram que a prática de exercícios regulares, além dos benefícios fisiológicos, acarreta benefícios psicológicos, tais como: melhor sensação de bem-estar, humor e autoestima, assim como, redução da ansiedade, tensão e depressão. (COSTA; SOARES; TEIXEIRA, 2007, p. 274).

Neste contexto pode-se afirmar que a falta de atividade física pode levar ao adoecimento físico e mental. O impacto à saúde mental pode ser devastador, compreendendo a diminuição da autoestima, ansiedade, estresse, depressão, do bem-estar e da sociabilidade (OLIVEIRA, 2011).

A Organização Mundial da Saúde definiu qualidade de vida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e do sistema de valores nas quais ele vive, considerando seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (FLECK et al. 1999).

Em geral quando pensamos em qualidade de vida, logo temos em mente o sentimento de “bem-estar, alegria, felicidade, amor, prazer, liberdade, espiritualidade, realização pessoal e objetivo como satisfação das necessidades básicas [...]” (ASSUMPÇÃO; MORAIS; FONTOURA, 2002, p. 02).

Segundo Batista e et al. (2016), a qualidade de vida pode ser definida como um bem-estar subjetivo, uma satisfação ou felicidade pessoal com a vida nos domínios que o indivíduo considera importante, como o físico, psicológico, social, econômico e espiritual.

É importante salientar que recentemente

a relação atividade física e saúde vem sendo gradualmente substituída pelo enfoque da qualidade de vida, o qual tem sido incorporado ao discurso da Educação Física e das Ciências do Esporte. Tem, na relação positiva estabelecida entre atividade física e melhores padrões de qualidade de vida [...]. (ASSUMPÇÃO; MORAIS; FONTOURA, 2002, p.04).

Dessa forma a qualidade de vida relaciona-se ao estilo de vida de pessoas que buscam satisfazer diferentes necessidades que contribuem para a manutenção de uma forma melhor para viver.

3 METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, o método de revisão integrativa foi utilizado, conforme apontado por Polit e Beck (2006), consistindo em possibilitar a síntese do estudo de um conhecimento sobre um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisavam ser preenchidas com a realização de novos estudos, onde o método de pesquisa permitiu a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilitou conclusões gerais a respeito de uma área de estudo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO,

2008). No qual também se permitiu a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática.

De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 105), a revisão integrativa foi apontada como uma ferramenta ímpar no campo da saúde, pois sintetizou as pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direcionou a prática fundamentando-se em conhecimento científico.

Os seguintes critérios de inclusão foram adotados para selecionar os estudos para a análise: a) estudos publicados no período dos anos de 2016 a 2020; b) estudos que abordaram a maternidade de pessoas com Paralisia Cerebral; c) artigos publicados em periódicos científicos brasileiros. Os critérios de exclusão foram: a) artigos de língua estrangeira; b) trabalhos de conclusão de cursos superiores e/ou apresentações de resumos ou de qualquer natureza em congresso ou outros eventos científicos; c) artigos que não abordaram a maternidade de pessoas com Paralisia Cerebral.

Para o levantamento de dados, as bases de dados Google Scholar e EBSCO foram consultadas. Essas bases foram selecionadas por apresentarem uma ampla variedade de produções de artigos publicados em revistas científicas brasileiras que eram de fácil acesso. O período de buscas ocorreu no mês de agosto de 2020. Para a busca dos artigos, o cruzamento dos seguintes descritores foi utilizado: “maternidade”, “qualidade de vida” e “paralisia cerebral”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das buscas feitas nas bases de dados, foram encontrados um total de 17 estudos científicos publicados em periódicos nacionais. Destes, após a leitura de seus resumos e utilizando-nos dos critérios de inclusão e exclusão, chegamos ao número de 12 artigos que abordam a maternidade de pessoas com paralisia cerebral, como apontado no quadro abaixo:

QUADRO 1. Resultado da busca nas bases de dados e seleção de artigos relevantes ao estudo

Autor/ano	Título do estudo	Tipo de estudo	Local do estudo	Bases de dados
BRITO, Patricia Meireles; LUCENA, Juliana Pereira Machado de; LUCENA, Neide Maria Gomes de 2020	Qualidade de vida, dor musculoesquelética e nível de estresse e proposta de treinamento fisioterapêutico em cuidadores de crianças com sequelas neurológicas.	Descritivo, observacional com corte transversal, quantitativa	João Pessoa - Paraíba	Google Scholar
NACCIO, Bruna Loureiro Di et al., 2020	Correlação entre comprometimento motor de crianças com paralisia cerebral e a sobrecarga e qualidade de vida de seus cuidadores primários.	Análítico, transversal de característica prospectiva.	CORAE (Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata). Goiânia - GO	EBSCO
CRISOSTOMO, Kelly Nunes; GROSSI, Fabiana Regina da Silva; SOUZA, Rafaella dos Santos. 2019	As Representações Sociais da Maternidade para Mães de Filhos/as com Deficiência.	Aplicado, transversal, descritivo e exploratório. O método qualitativo.	Escola pública no município de Barreiras, BA	Google Scholar

LIBONI, Lorena Santos et al., 2018	Impacto social de uma criança com paralisia cerebral na vida de um cuidador familiar	Estudo descritivo, de caráter transversal, com uma abordagem qualitativa.	Programa de Atenção Domiciliar do Hospital Infantil João Paulo II. BH/MG	Google Scholar
SOARES Priscila da Silva, et al., 2018	Maternidade e paralisia cerebral: Construção de um material psicoeducativo.	Estudo transversal do tipo qualitativo.	Santa Maria, Rio Grande do Sul.	Google Scholar
SOUZA, Jandara de Moura et al., 2018	Qualidade de vida e sobrecarga de cuidadores de crianças com paralisia cerebral	Estudo transversal	Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.	Google Scholar
QUEIROZ, Dalete et al., 2018	Prevalência de Lombalgia e incapacidade funcional em cuidadores de crianças e adolescentes com paralisia cerebral	De corte transversal, analítico	Pernambuco	Google Scholar
NOHARA, Soraya Sayuri Braga et al., 2017	Atuação fisioterapêutica na sobrecarga física e dor de cuidadores de crianças com paralisia cerebral	Transversal e longitudinal.	São Paulo - SP	Google Scholar
SANTOS, Túlio Vilela et al., 2017	Avaliação da sobrecarga imposta a cuidadores primários de pacientes com paralisia cerebral	Descritivo quali-quantitativa	Palmas - TO	Google Scholar
ANDRADE, Micheline Maria Girão de et al., 2017	Intervenções de educação em saúde em mães de crianças com paralisia cerebral	Intervencional qualitativo	(NUTEP) - Fortaleza Ceará	Google Scholar
BATISTA, Moisés Rosa, et al., 2016	Efeito do exercício físico sobre a saúde e sobrecarga de mães de crianças e adolescentes com paralisia cerebral	Intervencional	Uberlândia - MG	Google Scholar
MOZZAQUATRO. Vanessa Coradini, et al., 2016	Influência da fisioterapia sobre o estresse e a qualidade de vida de cuidadores de indivíduos com paralisia cerebral: Estudo de caso.	Estudo de casos múltiplos.	Santa Maria - RS	Google Scholar

Fonte: Elaborado pelos autores

Analisando os artigos publicados os autores foram unânimes em afirmar que a qualidade de vida dos cuidadores primários depende muito do cuidado com os filhos portadores de deficiência. Inclusive vale destacar que os estudos analisados abrangeram as mães responsáveis pelo cuidado do filho (a) de uma forma geral.

Optou-se por desenvolver a discussão desta revisão, considerando dois pontos importantes que constituem o tema deste estudo: As implicações físicas e psicossociais geradas nas mães/cuidadoras de pessoas com PC e Estratégias encontradas para a manutenção da qualidade de vida das mães/cuidadoras de pessoas com PC.

4.1 Implicações físicas e psicossociais geradas nas mães/cuidadoras de pessoas com PC

A questão sobre as doenças psicossociais e físicas foi observada na maioria dos estudos e que são bastante evidentes em mães de crianças com paralisia cerebral. Entre as implicações físicas e psicossociais, a maioria dos estudos demonstrou que alguns fatores se mostram marcantes dentro do contexto familiar, especialmente no cotidiano das mães cuidadoras de filhos com paralisia cerebral. Em conformidade com Santos et al. (2017) entre elas apresenta-se o estresse, ansiedade, depressão, afastamento social e questões financeiras.

Quanto ao estresse, o estudo de Straub (2014 apud Klemi, 2016) aponta como grande causador de prejuízos à saúde dos cuidadores, pois ele desestabiliza o sistema imunológico deixando o indivíduo suscetível a doenças e infecções. Essa colocação do autor vem ao encontro de Soares et al. (2018) que relaciona o cuidado do filho com PC ao impacto emocional intenso relativo a sentimentos de preocupação, medo e responsabilidades. O mesmo autor afirma que esse impacto na vida de uma mãe/cuidadora vem acompanhado de uma sobrecarga psicológica que pode ocasionar depressão, ansiedade e estresse. Essa situação reflete a mesma encontrada por Crisostomo et al. (2019) que ao mencionar a reação das mães de diferentes maneiras e que pode evoluir para diferentes estágios decorrentes de vergonha ou medo da rejeição social. Segundo o autor e de acordo com relatos de algumas mães na descoberta da deficiência houve sentimento de tristeza, decepção e frustração causando estado depressivo diante do fato, mas que outras relataram que com ajuda psicológica se adaptaram aos poucos com o diagnóstico. Essa colocação do autor vem ao encontro de Liboni e seus et al. (2018) que comentam em seus estudos o processo de cuidar de um filho com PC associado ao aumento de responsabilidades que podem vir a prejudicar a saúde dessas mães levando ao cansaço, isolamento, sobrecarga e estresse. Santos et al. (2017) cita que a mãe põe a necessidade do seu filho com PC em primeiro lugar, sendo por pressão ou escolha esquece dos cuidados consigo mesma. Fator esse também mencionado nos achados de Silva et al. (2019).

Verifica-se que Crisostomo (2019), Liboni (2018), Soares et al. (2018) observam em seus estudos que a responsabilidade ao cuidar de uma criança com PC gera um adoecimento causado pela sobrecarga emocional e física e são unânimes em afirmar esse fato. Essa situação reflete a mesma encontrada por Naccio et al (2020), que menciona o grau de deficiência das crianças como um fator influenciador na sobrecarga e na qualidade de vida das mães/cuidadoras. Igualmente Andrade et al (2017), relata em seus estudos as consequências negativas que o estresse, a ansiedade, o isolamento, em fim o estado mental e emocional pode influenciar na qualidade de vida dessas mães cuidadoras. São fatos que coincidem com outros resultados pesquisados que avaliaram a sobrecarga e a qualidade de vida utilizando os mesmos instrumentos de pesquisa.

Examinando os estudos, no entanto pouca atenção tem sido dada às implicações físicas que foram notadas por alguns autores da área da fisioterapia e um destaque apenas para um estudo feito por

educadores físicos. Essa análise demonstrou que as implicações físicas mais recorrentes foram na coluna, relatadas pelas mães ao transportar os filhos da cama para cadeira de rodas, a hora do banho e outras situações que requerem esforço físico. Nohara et al (2017) em suas pesquisas chama a atenção para o desgaste físico que tem causado prejuízo na qualidade de vida do cuidador. Há relatos segundo o mesmo autor de dores no corpo, principalmente na coluna. Outros problemas apontados por Queiroz et al. (2018) são desequilíbrio, dores nas estruturas que compõem a coluna vertebral e o sedentarismo. De acordo com dados encontrados nesse mesmo estudo, a grande maioria das cuidadoras apresentava lombalgia.

Analisando os estudos observou-se que há pouco ou quase nenhum material visando à promoção da saúde mental e física das mães. Segundo Soares et al. (2018) na busca por materiais que visassem promover à saúde das mães cuidadoras constataram a necessidade de criar um material que contemplasse a prevenção à saúde mental, sugerindo no estudo a criação de uma cartilha psicoeducativa. De acordo com o mesmo autor esse material seria de muita importância para o processo do cuidado de filhos com PC bem como beneficiária nos aspectos psicológicos das mães e seus familiares.

Ainda que todos os autores analisados nesta revisão concordassem na iniciativa positiva dos projetos entendemos que se faz necessário, mais pesquisas e propostas da área da saúde e o envolvimento dos profissionais desta área em apoio às mães cuidadoras e não somente às crianças com deficiência e que ao dar mais atenção e suporte ao emocional e físico das cuidadoras estarão promovendo uma melhora na qualidade de vida das mesmas.

4.2 Estratégias encontradas para a manutenção da qualidade de vida das mães/cuidadoras de pessoa com PC

Analisando os estudos observou-se que o grau de dependência física das crianças com PC influenciou na sobrecarga e qualidade de vida das cuidadoras. Souza et al. (2018) concluíram a escassez de material sobre a prevenção e tratamentos da saúde física e emocional desenvolvidas por educadores físicos. As propostas de atividades e ou exercícios físicos, atividade laboral, por exemplo, foram citadas pelo mesmo autor como prevenção e manutenção das doenças físicas e conseqüentemente uma melhora na qualidade de vida.

Quanto às estratégias para intervenção e manutenção da qualidade de vida dos cuidadores de crianças com PC, pode-se observar nos estudos analisados que houve pouca preocupação com a condição física das cuidadoras. Algumas pesquisas promoveram ações preventivas envolvendo a saúde física desses indivíduos. Enquanto os estudos na área de psicologia se detinham no estado emocional e psicológico, a área de fisioterapia se preocupou com os dois aspectos tanto físico como emocional.

Pouco se sabe de que forma as mães cuidadoras de crianças com PC conduzem suas próprias vidas diante da dificuldade no cuidado com os filhos tão pouco as estratégias que encontram para resolver os problemas que surgem no cotidiano. O que se sabe por meio de relatos nos estudos analisados que muitas dessas mães dificilmente contam com apoio familiar ou da área da saúde, conforme refere Guerra et al. (2015). As estratégias para lidar com essas dificuldades são quase inexistentes. Geralmente ao se deparar com algum obstáculo, os enfrentam à medida que eles vêm se apresentando.

Nesse sentido o estresse e a ansiedade podem desenvolver nas mães cuidadoras além de implicações emocionais, também podem levá-las ao adoecimento físico confirmando as suposições de Nascimento e Faro, (2015). De acordo com relatos nas pesquisas de Soares et al. (2018) algumas mães notaram a preocupação com a saúde delas e de uma forma geral sentiram-se acolhidas e apoiadas em suas necessidades pelos profissionais envolvidos. Destacamos também alguns relatos nas pesquisas de

Andrade et al. (2017) onde as mães entrevistadas relataram a preocupação das equipes de apoio em orientar para o autocuidado e a importância de fazer alguma atividade física. Elas também sentem a necessidade de um lugar onde possam conversar e que as ensinam como evitar as dores ou ficar doente e enfrentar diariamente as demandas do cuidado com os filhos com paralisia cerebral.

Cumprido destacar que entre os estudos analisados de Naccio (2020), Souza (2018) e Santos (2017) et al. se preocuparam em avaliar a sobrecarga e qualidade de vida utilizando instrumentos que apenas demonstraram a necessidade de novas pesquisas sem desenvolver ou apontar caminhos que fossem eficazes na prevenção e tratamento relacionado ao nível de comprometimento da sobrecarga e na saúde das cuidadoras primária de crianças com PC. Souza et al. (2018) desenvolveu estudos que analisaram a relação entre saúde e sobrecarga dos indivíduos, com o nível de comprometimento neuromotor das crianças, enquanto Naccio, Santos et al. observaram a falta de atenção ao cuidador dos Centros de Terapia ao cuidar de si próprio e suas necessidades. Estes autores tiveram seus resultados muito semelhantes.

Já outros pesquisadores utilizaram critérios de avaliações diferentes. As propostas de Brito, Lucena e Lucena (2020) e Mozzaquatro et al. (2016) trazem um programa de tratamento fisioterapêutico envolvendo exercícios, de alongamento e relaxamento juntamente com a distribuição de um manual de orientação postural. Segundo Brito et al., as cuidadoras geralmente não recebem orientação adequada quanto ao manuseio das crianças e essa postura inadequada reflete principalmente na saúde física. Referindo-se ao programa os autores traçaram um protocolo de apoio na prevenção e resgate da saúde das cuidadoras, com técnicas preventivas nos distúrbios osteomioarticulares e síndromes dolorosas, enquanto seus filhos são atendidos no centro de terapia. Igualmente Nohara et al. (2017) reproduz um programa de atuação em grupo. A elaboração de exercícios respiratórios e de alongamento para os músculos bem como as orientações para manejar e transferir as crianças tem como objetivo diminuir a sobrecarga e a dor dos participantes do estudo. Além disso, observou-se no trabalho desse autor a mesma preocupação em atender as mães no local no mesmo momento em que seus filhos estão em atendimento. Em conformidade com essa ideia Queiroz et al. (2018) revela em seus estudos que a dependência física da criança com PC pode influenciar na saúde de seus cuidadores acarretando desequilíbrio e dores nas estruturas que compõem a coluna vertebral, causando dores nas costas. Nessa pesquisa o autor revela que em torno de 80% das cuidadoras de crianças com PC apresentam dor lombar. Seus estudos identificaram o problema de saúde, mas não apontaram caminhos para o tratamento.

De acordo com Batista et al. (2016) alguns estudos demonstram benefício do exercício físico para cuidadores de pessoas com patologias neurológicas. No entanto, há poucas informações na literatura sobre o efeito do exercício físico contemplando esses indivíduos. Dessa forma o exercício físico cumpre um importante papel na prevenção e tratamento na saúde física e mental. Segundo o autor, conforme seus estudos, o treinamento resistido pode ser uma estratégia efetiva na prevenção de perdas de massa muscular, proporcionando uma melhora no condicionamento físico e bem-estar geral.

Salienta-se no estudo do autor que os resultados envolvendo os participantes foram positivos quanto à percepção da saúde física e dores em geral, ocasionando um impacto na qualidade de vida diminuindo os sintomas depressivos e nos níveis de sobrecarga.

Os estudos revelaram que de fato o exercício físico/atividade física juntamente com orientações dos profissionais pode promover uma sensação de bem-estar e ao praticar regularmente uma melhora na qualidade de vida.

5 CONCLUSÃO

Diante da diversidade de abordagens identificadas nos doze artigos selecionados, provenientes de diversas áreas como educação, fisioterapia e aspectos sociais, a presente pesquisa buscou compreender os efeitos psicossociais na saúde de mães cuidadoras de crianças com paralisia cerebral, assim como explorar o potencial benefício da atividade física nesse contexto.

Os estudos analisados revelaram uma convergência nas conclusões, destacando a centralidade da qualidade de vida das mães cuidadoras, que se encontra intrinsecamente ligada aos cuidados dispensados aos filhos com paralisia cerebral. As implicações físicas e psicossociais emergiram como elementos marcantes nesse contexto, manifestando-se através de estresse, ansiedade, depressão, afastamento social e desafios financeiros.

Os dados revelam que o estresse, em particular, surge como um grande desestabilizador do sistema imunológico, tornando as mães mais suscetíveis a doenças e infecções. Além disso, a sobrecarga emocional foi associada a impactos na saúde mental, incluindo quadros de depressão e ansiedade. Observou-se que a priorização das necessidades dos filhos com paralisia cerebral muitas vezes leva as mães a negligenciarem seus próprios cuidados, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais abrangente e integral para promover o bem-estar dessas cuidadoras.

No entanto, chama a atenção a escassez de abordagens voltadas para as implicações físicas das mães cuidadoras, com poucos estudos dedicados a compreender e mitigar as dores e desgastes físicos associados aos cuidados diários. As estratégias identificadas para a manutenção da qualidade de vida revelaram lacunas significativas, com pouca ênfase na saúde física das cuidadoras.

A discussão sobre estratégias de intervenção e manutenção da qualidade de vida apontou para a necessidade de mais pesquisas e propostas na área da saúde, envolvendo não apenas os cuidados destinados às crianças com paralisia cerebral, mas também direcionando atenção e suporte efetivo às mães cuidadoras. A promoção da saúde mental e física dessas mães emerge como um componente crucial para melhorar sua qualidade de vida.

Algumas propostas destacaram a importância de programas de tratamento fisioterapêutico, atividades físicas, e a criação de materiais psicoeducativos direcionados às mães cuidadoras. No entanto, ressalta-se a necessidade de um maior envolvimento dos profissionais de saúde nesse processo, reconhecendo a importância não apenas das crianças com paralisia cerebral, mas também daqueles que desempenham um papel fundamental no cuidado direto.

Em suma, os resultados desta pesquisa ressaltam a urgência de abordagens mais holísticas e integradas para apoiar as mães cuidadoras de crianças com paralisia cerebral. A compreensão das dimensões psicossociais e físicas, aliada à implementação de estratégias efetivas, pode contribuir significativamente para a promoção do bem-estar e qualidade de vida dessas cuidadoras, resultando em impactos positivos não apenas para elas, mas também para suas famílias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Micheline Maria Girão de et al. Intervenções de educação em saúde em mães de crianças com paralisia cerebral. **Journal of human growth and development**. Santo André - SP. v, 27, n 2, p. 175-181. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.126857>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v27n2/pt_07.pdf>. acesso em: 08.Set.2018

ASSUMPÇÃO, Luis Otávio Teles. MORAIS, Pedro Paulo de, FONTOURA. Humberto, Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida. Notas introdutórias. **Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 8 - n.

52 - Set. de 2002. Universidade Católica de Brasília. 2002. Disponível em:

<<https://www.efdeportes.com/efd52/saude1.htm>>. Acesso em: 01.Out.2020.

BATISTA, Moisés Rosa et al. Efeito do exercício físico sobre a saúde e sobrecarga de mães de crianças e adolescentes com paralisia cerebral. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**. Vila Mariana - SP.v, 22, n, 3 – Mai/Jun, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1517-869220162203110588>. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v22n3/1517-8692-rbme-22-03-00222.pdf>>. Acesso em: 08.Set.2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. – Brasília - DF. 2014. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_paralisia_cerebral.pdf>. Acesso em: 14.Set.2020.

BRITO, Patricia Meireles; LUCENA, Juliana Pereira Machado de; LUCENA, Neide Maria Gomes de. Qualidade de vida, dor musculoesquelética e nível de estresse e proposta de treinamento fisioterapêutico em cuidadores de crianças com sequelas neurológicas. **Braz. J. de Desenvolvep.**, Curitiba, v.6, n.8, p. 55625-55647 agosto. 2020. ISSN 2525-8761. DOI: 10.34117/bjdv6n8-115. 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/14648/12137>> acesso em 30.Set.2020.

COSTA. Rudy Alves; SOARES. Hugo L. Rodrigues; TEIXEIRA. José A. Caldas Benefícios da atividade física e do exercício físico na depressão. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, Niterói - RJ. v. 19 - n. 1, p. 269-276, Jan./Jun. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v19n1/22.pdf>>. Acesso em: 15.Set.2020.

CRISOSTOMO, Kelly Nunes; GROSSI, Fabiana Regina da Silva; SOUZA, Rafaela dos Santos. As Representações Sociais da Maternidade para Mães de Filhos/as com Deficiência. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande - MS. v. 11, n. 3, set./dez. 2019, p. 79-96. doi:<http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v0i0.608>. 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v11n3/v11n3a06.pdf>>. Acesso em: 30.Set.2020.

FARIAS, Patrícia de et al. Experiência materna no cuidado do filho com paralisia cerebral: análise fundamentada na teoria de Roy. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. Manguinhos - RJ. v.12, n. 4. out-dez. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v12i4.1373>. 2018. Disponível em: <<https://www.recis.icit.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1373/2234>>. Acesso em: 04.Set.2020.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL -100). **Rev Bras Psiquiatria**. São Paulo. v, 21 n.1, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbp/v21n1/v21n1a06.pdf>>. Acesso em: 04. Set.2020.

FREITAG, Vera Lucia. MILBRATH, Viviane Marten. MOTTA, Maria da Graça Corso da. Mãe-cuidadora de criança/adolescente com Paralisia Cerebral: O cuidar de si. **Enfermaria Global**. Murcia - Espanha n, 50, p. 337-348. Abr., 2018. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v17n50/pt_1695-6141-eg-17-50-325.pdf>. Acesso em: 04.Set.2018.

FREITAS, Giselle Lima de et al. Reabilitação de crianças e adolescentes com mielomeningocele: o

cotidiano de mães cuidadoras. **Revista Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre -RS. v,37 n.4; dez.2016.doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.04.60310>. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rge/v37n4/0102-6933rge-1983-144720160460310.pdf>. Acesso em: 04.Set.2018.

GUERRA, Camila de Sena, Do sonho à realidade: vivência de mães de filhos com deficiência. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2015 Abr-Jun; v.24 ,n.2, 459-66. 2015. Doi: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015000992014> Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/tce/v24n2/pt_0104-0707-tce-24-02-00459.pdf>. Acesso em: 01.Out.2020.

KLEMI, Giovanna. A qualidade de vida das mães de crianças com paralisia cerebral. **Faces**: Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/185256199.pdf>. Acesso em: 30.Set.2020.

LAZZAROTTO, Rejane; SCHMIDT. Eluisa Bordin. Ser mãe de crianças com paralisia cerebral: sentimentos e experiências. **Perspectiva**, Erechim. v.37, n.140, p. 61-72, dezembro, 2013. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_373.pdf. Acesso em: 30.09.2020.

LIBONI, Lorena Santos et al. Impacto social de uma criança com paralisia cerebral na vida de um cuidador familiar. **R. Enferm. UFJF** - Juiz de Fora - v. 4 , n. 1, p. 39 - 50 - jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/enfermagem/article/view/14015/7514>. Acesso em: 30.Set.2020.

MARQUES, Yara Haydenilla Menezes et al. Mensuração de Sobrecarga emocional em cuidadores de crianças com paralisia cerebral. Doi: <https://doi.org/10.5935/0104-7795.20160005>. **Acta Fisiátrica**. São Paulo, 2016, v.23- n.1, p.20-24 - 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/137605>. Acesso em: 09.Out.2020.

MCBRIDE, Margaret C., VICTORIO M. Cristina. **Manual MSD** - Versão Saúde para a Família. 2018. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-pt/casa/problemas-de-sa%C3%BADe-infantil/dist%C3%BArbios-neurol%C3%B3gicos-em-crian%C3%A7as/paralisia-cerebral-pc>. Acesso em: 08.Set.2020.

MENDES, Karina Dal Sasso, SILVEIRA. Renata Cristina de Campos Pereira, GALVÃO. Cristina Maria. Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.**Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; v. 17, n. 4, p. 758-64. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>. Acesso em: 27.Set.2020.

MOZZAQUATRO, Vanessa Coradini et al. Influência da fisioterapia sobre o estresse e a qualidade de vida de cuidadores de indivíduos com paralisia cerebral: Estudo de caso. **Revista eletrônica Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 17, n. 2, p. 219-228, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/2031/1876>. Acesso em: 30.Set.2020.

NACCIO, Bruna Loureiro Di et al. Correlação entre o comprometimento motor de crianças com paralisia cerebral e a sobrecarga e qualidade de vida de seus cuidadores primários -**Revista Movimenta**. Goiás -

2020, v. 1, n. 1, p. 72-81. 2020. Disponível em:

<<https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/9426/7252>>. Acesso em: 30.Set.2020.

NOHARA, Soraya Sayuri Braga et al. Atuação fisioterapêutica na sobrecarga física e dor de cuidadores de crianças com paralisia cerebral. DOI: [10.5020/18061230.2017.6461](https://doi.org/10.5020/18061230.2017.6461), **Revista brasileira Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 30, n. 4, p. 1-7, out./dez., 2017. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/322016143_Atuacao_fisioterapeutica_na_sobrecarga_fisica_e_dor_de_cuidadores_de_crianças_com_paralisia_cerebral>. Acesso em: 08.Set.2020.

NASCIMENTO, Angélica Oliveira, FARO. André. Estratégias de enfrentamento e o sofrimento de mães de filhos com paralisia cerebral. **Salud & Sociedad**. Chile. v. 6, n. 3, p. 195-210. set.dez. 2015. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/1891/1/EnfrentamentoFilhosParalisiaCerebral.pdf>>. Acesso em: 01.Out.2020.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré et al. Benefícios da Atividade Física para Saúde Mental. **Saúde coletiva**. **Editorial Bolina**, São Paulo.v. 8, n. 50, 2011, p. 126-130, 2011. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/842/84217984006.pdf>>. Acesso em: 07.Out.2020.

PELLOSI, Paloma et al. Nível de sobrecarga e qualidade de vida de cuidadores de indivíduos com necessidades especiais. DOI: [10.5747/cv.2016.v08.n3.v175](https://doi.org/10.5747/cv.2016.v08.n3.v175). **Revista Colloquium Vitae**. São Paulo. v.8, n.3, p. 39-45. set-dez. - 2016. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/316717882_NIVEL_DE_SOBRECARGA_E>. Acesso em: 08.Out.2018.

PEREIRA, Ana Rosa Pinto de Farias et al. Análise do cuidado a partir das experiências das mães de crianças com paralisia cerebral. **Saúde Soc**. São Paulo, DOI 10.1590/S0104-12902014000200021., v.23, n.2, p.616-625, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2014.v23n2/616-625/pt>>. Acesso em 09.Out.2020.

POLIT, Denise F. et al. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre (RS): Artmed; 2006.

QUEIROZ, Dalete et al. Prevalência de lombalgia e incapacidade funcional em cuidadores de crianças e adolescentes com paralisia cerebral. 2018. **Revista Inspirar: Movimento e saúde**. Recife, v, 15, n. 1, p. 28-32- Jan.fev.mar., 2018. Disponível em: <<https://www.inspirar.com.br/wp-content/uploads/2018/02/revista-inspirar-ms-45-580-2017.pdf>>. Acesso em: 08.Set.2020.

SANTOS, Alisson Fernando dos. Paralisia cerebral: uma revisão da literatura. **Revista Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 16, n.2, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/viewFile/272/308>>. Acesso em: 11.Set.2018.

SANTOS, Túlio Vilela et al. Avaliação da sobrecarga imposta a cuidadores primários de pacientes com paralisia cerebral. 10.18606/2318-1419/amazonia.sci.health.v5n1p3-11 - Jan/Fev.2017 **Revista Amazônia Science & Health**. 2017. Disponível em: <<http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/1539/pdf>>. Acesso em: 08.Set.2020.

SILVA, Cristiane Xavier et al. Criança com paralisia cerebral: qual o impacto na vida do cuidador? **Revista**

Rene, Ceará. v., 11, número especial, 2010. p. 204-214, 2010. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/download/4709/3500>>. Acesso em: 04.Set.2018.

SILVA, Francilândia Pereira de Souza; LIMA, Maria Aparecida Silva Rocha. Impacto do diagnóstico de deficiência: Paralisia Cerebral dos Filhos nas Genitoras. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v6.e15.a2018pp19-25> **Rev. Interfaces**, Paraná. v. 5, n, 15, p.19-25, 2017. Disponível em:

<<https://interfaces.leaosampaio.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/349/pdf>>. Acesso em: 08.Set.2020.

SILVA, Marina Stern da et al. “São duas vidas em uma só”: A rotina do cuidador da pessoa com paralisia cerebral. **Enfermagem Revista**, Minas Gerais. v.22, n.2, 2019. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagemrevista/article/view/21075>>. Acesso em: 09.Out.2020.

SOARES, Priscila da Silva et al. Maternidade e paralisia cerebral: construção de um material psicoeducativo. DOI:<http://dx.doi.org/10.20873/uft.23593652.2018v5n3p114>. **Revista Desafios**,

Tocantins v. 5, n. 3, 2018. Disponível em:
<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5066/14069>>. Acesso em: 08.Set.2020.

SOUZA, Marcela Tavares de, SILVA. Michelly Dias da, CARVALHO. Rachel de Revisão integrativa: o que é e como fazer - **Einstein**. São Paulo. v, 8, n. 1, p.102- 106. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>. Acesso em: 28.Set.2020.

SOUZA, Jandara de Moura et al. Qualidade de vida e sobrecarga de cuidadores de crianças com paralisia cerebral. **Revista brasileira da Saúde**, Fortaleza, v, 31, n. 3, p. 1-10, jul./set., - 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/7748/pdf>>. Acesso em 08.Set.2020.

WELTER, Ivânia et al. Gênero, maternidade e deficiência: Representação da diversidade. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 98-119. jan./jun 2008. Disponível em:

<<https://core.ac.uk/reader/27226200>>. Acesso em: 01.Out.2020.